



EDITORIAL

O que aprendemos com a pandemia?

Iêda Maria Barbosa Aleluia^{1,2} 

¹Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador, Bahia, Brasil.

²Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Salvador, Bahia, Brasil

Publicado em 6 de março de 2021

Com o advento da pandemia do COVID-19, todo o processo de educação nas profissões de saúde teve que ser repensado. Inicialmente o esforço foi para manter um ensino de qualidade na modalidade remota. Adaptar matrizes curriculares, horários de aulas, capacitar docentes para a nova realidade, rever a capacidade dos sistemas de informática para suportar as mudanças e aumento de acessos, identificar plataformas digitais adequadas às necessidades das instituições, reavaliar metodologias de ensino e de avaliação... enfim, uma força tarefa gigantesca, para dar conta do novo momento.

Esse período trouxe embutido um nível de ansiedade alto, frente à alta demanda e a incerteza do resultado. Evidenciou muitas diferenças sociais, regionais, culturais. Fez com que andássemos todos em terreno movediço, mas também trouxe um sentimento de união, de reflexão sobre nossa práxis. Com as desigualdades expostas, foi premente a necessidade de criar soluções inclusivas, de ouvir o outro, de repensar conceitos. De ampliar o suporte emocional, de não fazer barricadas apenas técnicas para conter, ou lidar, com os problemas.

E então também reapareceram com intensidade as questões: o que é imprescindível para a formação do profissional de saúde? Nossos currículos fornecem espaço e oportunidades para a formação de um profissional

crítico e reflexivo? Nossas instituições levam em conta a responsabilidade social no ensino? Nosso ensino é “baseado na técnica” ou inclui as “humanidades”?

Um ano depois do início da pandemia no Brasil, estamos diante de um novo momento: o que aprendemos com tudo isso? O que mudamos verdadeiramente no processo de ensino das profissões de saúde? Ampliamos nossos conceitos de saúde, cuidado, ciência ou fizemos apenas uma pausa, um intervalo esvaziado, para retomarmos o curso anterior logo que houver o controle do vírus? Mas, voltaremos ao que era antes, depois de termos vivenciado tudo isso? Depois de termos experimentado novas abordagens de ensino (que funcionaram!), depois de tantas reflexões feitas sobre a formação do estudante, e do docente? Acho muito difícil, e por isso mesmo convido a uma reflexão sobre o ensino em tempos de mudança.

Esse editorial é muito mais de perguntas, do que de respostas; é para pensarmos, questionarmos sobre o que realmente queremos, e podemos fazer, no ensino para as profissões de saúde.

Vários estudos recentes trazem alguns pontos importantes para essa reflexão, e coloco aqui quatro pontos para esse exercício reflexivo.

- É tempo de mudarmos a cultura da educação médica?¹ Nesse caso podemos questionar a importância do

*Correspondência:

End.: Av. Princesa Isabel. Edifº Ouro Velho, 458/402. Barra. Salvador, BA, Brasil | CEP 40.140-000

Tel: (71) 9 88054525

E-mail: iedaleluia@bahiana.edu.br (Aleluia IMB)

<https://doi.org/10.21876/rcshci.v11i1.1126>

Como citar este artigo: Aleluia IMB. What have we learned from the pandemic? Rev Cienc Saude. 2021;11(1):4-5.

<https://doi.org/10.21876/rcshci.v11i1.1126>

2236-3785/© 2021 Revista Ciências em Saúde. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob uma licença CC BY-NC-SA.

(https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR)



cuidado com a saúde mental para o profissional de saúde. No contexto da pandemia, a necessidade de um olhar atento e de ações voltadas para o cuidado de quem cuida ficou muito evidente. O profissional de saúde não é um super-herói; é um ser vulnerável, que lida com a dor (sua e do outro), e que em geral aprendeu a cultivar a objetividade em detrimento da subjetividade como forma de proteção. A reduzir a prática profissional a seu componente técnico-cognitivo, com pouco espaço para as competências atitudinais.

Os currículos dos cursos de saúde estão em transformação, em sua grande maioria. Uma transformação lenta e progressiva para muitos. Resta saber se, após a exposição mundial dessa necessidade de cuidarmos da saúde mental dos futuros profissionais de saúde, os passos de mudança seguirão fortalecidos.

▪ A pandemia, realmente nos levou a pensar e a mudar?^{2,3}

Essa é uma questão importante. O campo educacional mudou, com a incorporação das tecnologias, e novas formas de ensino aprendizagem. O ensino digital, a extrapolação do espaço limitado das salas de aula para o ambiente virtual, a mudança do vocabulário, a adaptação das metodologias de ensino e avaliação neste novo contexto, mostram que não há caminho de volta para o mundo que havia antes da pandemia do COVID-19. O ensino híbrido se impõe, e com ele, a reflexão sobre a práxis docente, sobre a identidade deste professor, bem como do discente nesse novo contexto. Tendemos a olhar o que havia como um

paraíso perdido, mas estamos aprendendo a construir algo novo na educação das profissões de saúde em todo o mundo. Quem sabe, estamos criando, não um novo paraíso, mas um local de partilha, reflexão e adaptado às novas necessidades sociais.

▪ A pesquisa em educação ganhou importância nesse contexto?⁴

Para essa construção, a pesquisa em educação ganha importância. Compartilhar experiências (exitosas ou não), analisar metodologias empregadas, conhecer a percepção dos docentes e discentes, avaliar o impacto da tecnologia no processo de ensino aprendizagem, é fundamental para termos bases sólidas nesse momento de transição: com análise e reflexão, além de desenhos apropriados para os objetivos escolhidos.

▪ O ensino das humanidades, da arte, finalmente encontrou seu lugar na saúde?^{5,6}

Diante de toda essa transformação, de tantos questionamentos, e de tantas evidências de sofrimento mental na comunidade acadêmica, penso que o ensino das humanidades, da arte, mais do que nunca achou seu lugar na saúde. Trazer a arte para o currículo das profissões de saúde, é ampliar a capacidade reflexiva do estudante, é criar uma bagagem afetiva que prepara para lidar com a própria subjetividade e com a do paciente. Em tempos de tanto sofrimento e incertezas, a arte é um caminho de equilíbrio e de nutrição. Narrar uma nova história se impõe.

REFERÊNCIAS

1. Dominic C, Rajkumar D. Are we there yet? Time to change the culture of medical education. *Med Teacher*. 2020;42(8):950-1. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2019.1659947> PMID:31525301
2. Gibbs T. The Covid-19 pandemic: Provoking thought and encouraging change. *Med Teacher*. 2020;42(7):738-40. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2020.1775967> PMID:32608302
3. Schlemmer E, Moreira JA. Ampliando conceitos para o paradigma de educação digital onlife. *Interacçõex*. 2020;16(55):103-22. <https://doi.org/10.25755/int.21039>
4. Chen W, Reeves TC. Twelve tips for conducting educational design research in medical education. *Med Teacher*. 2020;42(9):980-6. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2019.1657231> PMID:31498719
5. Charon R. O corpo que se conta: por que a medicina e as histórias precisam uma da outra. 1ª ed., Santhiago R [translator]. São Paulo: Ed. Letra e Voz; 2015. 75p.
6. Cabral MJ. Páginas antigas, a mesma história. A pandemia entre a medicina e a literatura [Website]. (published 2020 Apr 1; cited 2021 Feb 25). Available from: <https://sol.sapo.pt/artigo/691468/paginas-antigas-a-mesma-historia-a-pandemia-entre-literatura-e-medicina>